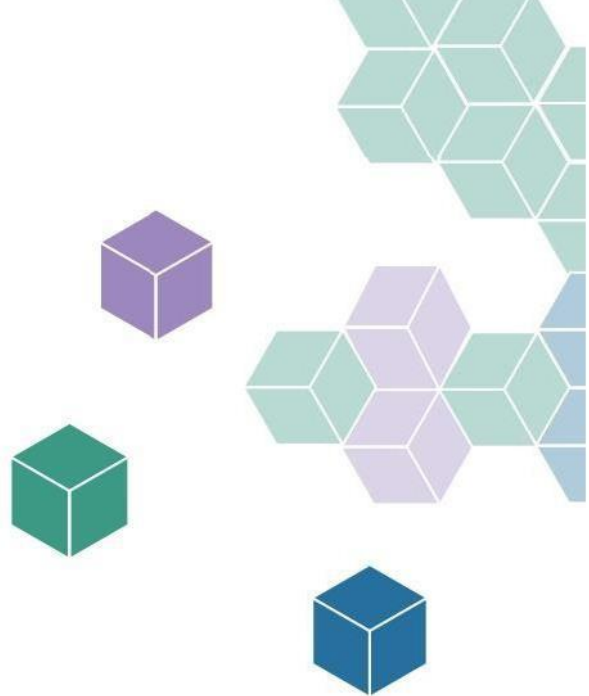


AÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO



PROGRAMA
APRENDER E ENSINAR
NO ENSINO FUNDAMENTAL



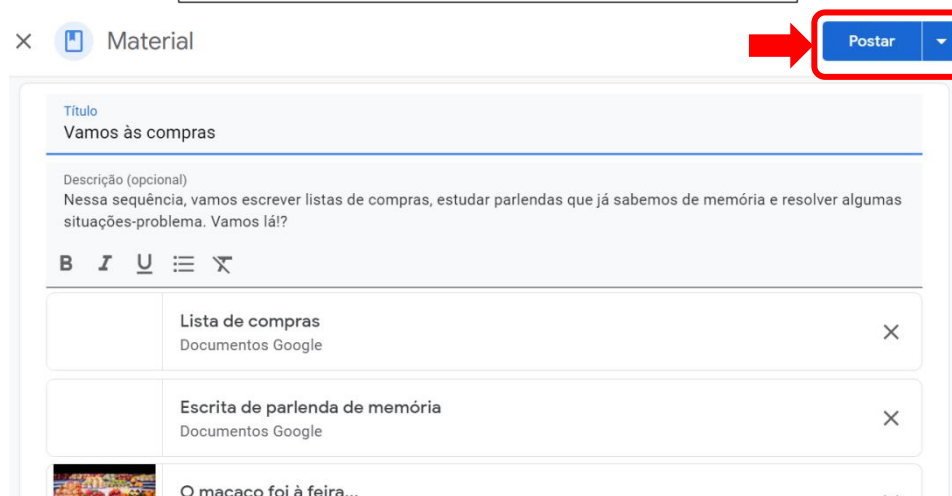
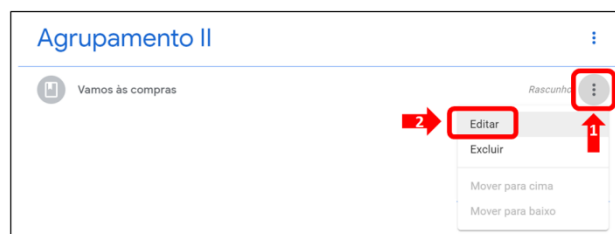
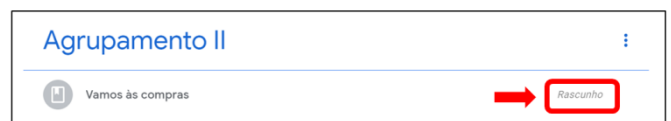
AÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

A aproximação com o fim do ano letivo e a necessidade de sistematização dos processos de avaliação escolar trazem para nós, educadores da Rede Municipal de São Paulo, uma grande responsabilidade. É momento de revermos nossas ações, avaliar percursos e tomar decisões, tudo articulado à construção de registros pedagógicos potentes, com vistas à qualificação das escritas sobre a trajetória escolar de estudantes, tanto do ponto de vista da efetivação dos direitos de aprendizagem, quanto da produção de acervo de consulta para a produção de planejamentos ajustados às necessidades dos estudantes no próximo ano letivo.

Nesse período do ano, verificamos portfólios, sistematizamos registros sobre ações de recuperação contínua e paralela, preparamos anotações para os Conselhos de Classe. A pesquisa da própria prática e o acompanhamento das aprendizagens, inerentes à carreira do professor, atingem seu auge. E, neste contexto, voltamos nossos esforços aos estudantes que apresentaram aproveitamento de estudos inferior ao esperado. Nosso compromisso é sempre com a garantia do alcance dos direitos de aprendizagem por todos os nossos estudantes. Nenhum para trás.

Assim, com o objetivo de apoiar professores alfabetizadores e coordenadores pedagógicos neste momento, preparamos este material com sugestões diversas para a ação específica de recuperação de aprendizagens para estudantes do Ciclo de Alfabetização. Não é um material novo, mas um compêndio de materiais produzidos pela SME, bem como um drive com sugestões de atividades, com foco na alfabetização.

Além de estarem sistematizadas aqui, algumas sequências de atividades e sugestões de atividades independentes serão postadas nas turmas do SGA das escolas com a opção de “Rascunho”.



Ou seja, somente o professor pode vê-las e, caso julgue interessante seu uso, basta mudar a opção de “Rascunho” para “Postada” e ela será visualizada por todos os estudantes de suas turmas, sendo uma boa opção, inclusive, para o uso nas salas digitais.

Uma possibilidade que muitas escolas costumam realizar nesse momento são os reagrupamentos de turmas para garantir boas possibilidades de intervenções. É um projeto, com duração determinada, podendo organizar-se em classes, ou turmas para construir possibilidades pedagógicas mais ajustadas a seus saberes e necessidades. É importante destacar que não se trata de turmas homogêneas, mas agrupamentos produtivos, com necessidades semelhantes, garantido a diversidade de saberes. Algumas escolas realizam esses projetos em alguns dias da semana, considerando seus dados de aprendizagem. O que não substitui o trabalho da sala de aula regular, mas amplia possibilidades de ação.

Um ótimo trabalho a todas e todos! O ano ainda não acabou!

Nas turmas dos primeiros anos convivem diferentes tipos de escrita, o que, por vezes, cria problemas relacionados a quantas e quais letras utilizar, e em que ordem, “para que diga algo”. Essas situações obrigam as crianças – com intervenção da professora – a pôr em jogo soluções que representam avanços na aquisição do conhecimento sobre a escrita. (Mirta Castedo)

Ingresso nas culturas do escrito

Já sabemos, e não é de hoje, que as crianças constroem o sistema de escrita alfabético ao mesmo tempo em que participam de práticas sociais de leitura e escrita. Nessas duas ações concomitantes, as crianças, sujeitos ativos de suas aprendizagens, formulam hipóteses e testam-nas o tempo todo. Constroem antecipações e as verificam enquanto se utilizam da linguagem verbal.

Ou seja, as crianças não aprendem sobre leitura e escrita somente porque lhes oferecemos atividades escolarizadas para aprenderem técnicas e códigos. Elas são usuários da leitura e escrita mesmo antes de adentrarem a escola.

Algumas crianças chegam à escola já bem sabidas sobre as culturas do escrito, outras não tiveram tanto contato com esse universo até serem matriculadas. Mas é direito de todas as crianças aprenderem e tornarem-se usuários competentes da leitura e da escrita, conquistando inclusive sua autonomia cidadã. E é nossa responsabilidade oferecer todos os recursos que temos a nosso alcance em nossas unidades educacionais para que todas tenham acesso irrestrito a livros de qualidade, momento de interação por meio da leitura, escrita e oralidade, participem de práticas sociais de leitura e escrita como as que acontecem na sociedade. As crianças têm direito a participar de práticas sociais em que leia e escreva, mesmo que não saibam ler e escrever.

Os conteúdos da leitura

Quando uma criança aprende a ler, diferente do que pensávamos tradicionalmente, ela não aprende apenas o funcionamento de um código. Achávamos que assim que os estudantes compreendessem a junção dos fonemas, já saberiam ler.

Hoje sabemos que a leitura compreende muitos outros saberes e estratégias. Sabemos que a leitura é um jogo de **antecipação** e **verificação** até a produção de **inferências**. Mas sabemos, também, que não são apenas os leitores proficientes que se utilizam dessas estratégias. Mesmo as crianças que não sabem ler e escrever podem desenvolver essas estratégias, desde que participem de práticas de linguagem que permitam a sua construção, por meio de leitores experientes, que pode ser o professor, um adulto, ou mesmo um colega de sua turma.

Além disso, as pesquisas nos ensinaram, também, que outros conteúdos relacionados à leitura precisam ser foco de nossos planejamentos. A professora Kátia Brakling¹ trata de três conteúdos da leitura que precisam ser ensinados:

¹ Brakling, 2009.

- **Comportamentos leitores**

- socializar critérios de escolha e de apreciação estética de leituras;
- ler trechos de textos que gostou para colegas;
- procurar materiais de leitura regularmente;
- frequentar bibliotecas (de classe ou não), zelando pelo material de leitura;
- comentar com outros o que se está lendo;
- compartilhar a leitura com outros;
- recomendar livros ou outras leituras que considera valiosas;
- confrontar com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura.

- **Procedimentos leitores**

- ler da esquerda para a direita e de cima para baixo no ocidente;
- folhear o livro da direita para a esquerda e de maneira sequencial e não saltada;
- escanear as manchetes de jornal para encontrar a editoria e os textos de interesse;
- usar caneta marca-texto para iluminar informações relevantes numa leitura de estudo ou de trabalho, por exemplo;
- reler um fragmento anterior para verificar o que se compreendeu;
- adequar a modalidade de leitura – exploratória ou exaustiva, pausada ou rápida, cuidadosa ou descompromissada... – aos propósitos que se perseguem e ao texto que se está lendo.

- **Capacidades de leitura**

As capacidades de leitura, ligadas às estratégias cognitivas da leitura utilizadas pelos leitores na construção de significados para a leitura. Algumas delas, ainda de acordo com a professora Kátia Bräkling, são:

- **Capacidades de decodificação:** referem-se à compreensão do sistema, como, por exemplo:
 - a) compreender diferenças entre escritas e outras formas gráficas;
 - b) conhecer o alfabeto;
 - c) compreender a natureza alfabética do sistema de escrita;
 - d) ler, reconhecendo globalmente palavras escritas;
 - e) ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto, desenvolvendo maior fluência e rapidez na leitura.
- **Capacidades de localização:** referem-se à localização de informações explícitas;
- **Capacidades de compreensão:** relacionadas às estratégias cognitivas de leitura;
- **Capacidades de apreciação e réplica do leitor:** relacionadas aos aspectos discursivos da reconstituição dos sentidos do texto.

Quanto conteúdos importantes precisamos trabalhar com as crianças na alfabetização inicial, não é mesmo? As crianças, principalmente aquelas que chegaram à escola com poucas informações sobre o universo da leitura e da escrita, precisam de muitas informações escritas disponíveis a seu alcance, não somente por meio de atividades escolarizadas, mas em situações de práticas reais em que interajam com as culturas do escrito assim como a sociedade o faz. A professora Emília Ferreiro, autora de *Psicogênese da Língua Escrita*², que embasa a concepção de alfabetização do Currículo da Cidade, nos textos iniciais dessa obra nos fala da importância de que as turmas de alfabetização inicial propiciem muitos momentos de práticas sociais de leitura e escrita e que, nesses momentos, reflita-se, também, sobre o sistema de escrita alfabético.

Ou seja, as crianças têm direito na escola, para terem oportunidades de construir hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita e, também, da linguagem verbal, ao acesso a boas leituras, de textos de qualidade, um ambiente com muitas informações acessíveis, situações reais, semelhantes às que acontecem na sociedade, para que a criança compreenda o funcionamento da linguagem e construa comportamentos e

² FERREIRO, 1985.

procedimentos leitores. Os processos de leitura e escrita precisam se constituir em objetos de estudo, ou seja, tematizados, para que as crianças desenvolvam, também, as habilidades cognitivas necessárias à alfabetização inicial.

O professor, portanto, precisa intencionalmente planejar situações em sua rotina que favoreçam esse contato e momentos em que tematize essas práticas de leitura e, também, de escrita. Organizar um ambiente favorável à interação das crianças com as culturas do escrito. As boas intervenções, intencionalmente planejadas, apoiam o avanço das hipóteses das crianças sobre o sistema e a linguagem.

Esse desafio proposto em nossas escolas aos educadores é enorme e, mesmo no fim do ano, ainda precisa estar em nosso radar. Vamos ver, agora, algumas sugestões que podem ajudar nesse planejamento.

As quatro situações didáticas fundamentais da leitura e da escrita no Ciclo de Alfabetização

Sabemos que as crianças aprendem a ler e escrever, lendo e escrevendo, ainda que não convencionalmente, desde que têm contato com o mundo letrado. O professor, atuando como leitor e escritor experiente, pode apoiar as crianças nos usos da linguagem enquanto elas adquirem autonomia para seu uso.

Portanto, é importante que regularmente em sua rotina apareçam essas quatro situações didáticas para que as crianças leiam e escrevam por meio do professor e também por si só. O professor precisa planejar tais práticas tematizando situações e favorecendo a reflexão das crianças sobre os três conteúdos da leitura tratados na item anterior, bem como sobre o funcionamento do sistema da escrita e a organização dos textos.

Dessa forma, tematizamos a leitura já enquanto os estudantes constroem a base alfabética de escrita e, quando a alcançarem, já terão muitos conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem, atuando como leitores e escritores proficientes.

1. LEITURA PELO ALUNO: a criança lê antes mesmo de saber ler convencionalmente e já utiliza as mesmas estratégias utilizadas por leitores experientes, ainda que não saiba ler. Sugestões de atividade: Ler para localizar uma informação. Ler para localizar-se na rotina. Ler para identificar nomes em uma lista. Ler para reconhecer. Ler para orientar-se etc.

2. ESCRITA PELO ALUNO: situação em que a criança escreve suas descobertas, escreve listas, escreve descobertas em momentos de estudo, escreve os nomes de seus objetos pessoais, escreve legendas, escreve textos que sabe de memória, etc.

3. LEITURA PELO PROFESSOR: nessa situação, o professor lê, de forma planejada, para que os estudantes vejam um leitor experiente atuando. Ou seja, nessas situações, os estudantes podem, ao observar o professor lendo, construir seus comportamentos e procedimentos leitores. Pode ser uma leitura em voz alta para tematizar seu conteúdo e construir a compreensão do texto, ler registros anteriores produzidos pelo grupo, ler textos para estudar, ler consignas, etc.

4. ESCRITA PELO PROFESSOR: quando o professor escreve um texto que é produzido oralmente por sua turma, os estudantes podem observar como atua um escritor experiente e construir seus comportamentos escritores. Além disso, os estudantes desenvolvem hipóteses sobre a organização da linguagem, dos gêneros textuais, do funcionamento das práticas sociais conectadas aos textos que estão escrevendo. Ou seja, o professor sendo o escriba para seu grupo permite que as crianças reflitam sobre o como escrever escrevendo, mesmo que ainda não o saibam convencionalmente. É importante, sempre, que esses momentos de escritas envolvam práticas reais e articulem propósitos comunicativos interessantes, como a produção de textos em situações comunicativas claras para os estudantes. Por exemplo: escrever um convite para um destinatário real, reescrever um texto conhecido, escrever um recado endereçado à família, produzir indicações literárias, etc.

Os dados de aprendizagem nos dão as pistas dos caminhos que precisamos traçar. São eles que revelam o que os estudantes já sabem e o que precisam saber, nos apoiando em planejamentos potentes e ajustados aos saberes e necessidades de todos e de cada um.

No Ciclo de Alfabetização, chamamos a avaliação diagnóstica de sondagem. Lembrando que a sondagem cumpre funções importantes, que potencializam o acompanhamento das aprendizagens, é preciso:

- **Diagnosticar** as situações de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes para **estabelecer os objetivos** que orientarão o planejamento da ação pedagógica.

- Verificar os **avanços, dificuldades e necessidades** dos estudantes no processo de apropriação, construção e recriação do conhecimento, para o alcance dos objetivos de aprendizagem.

- Fornecer elementos para **reflexão sobre a gestão da aula** aos professores e à equipe gestora, visando ao seu redimensionamento.

Os dados de aprendizagem do 3º Bimestre, colhidos por meio dos instrumentos de sondagem, são o ponto de partida para selecionar as melhores propostas aos estudantes. Com o *Mapa de Sondagem*³ e Portfólio em mãos, começamos pela organização intencional de nossos espaços.

SONDAGEM DE ESCRITA - CICLO DE ALFABETIZAÇÃO					
Nome da Escola					
Professor(a)					
Turma			Ano letivo		
Anotar PS, SV, CV, SA ou A, ou utilize as cores da legenda, para indicar a hipótese que melhor representa a escrita apresentada pelo estudante.					
Nº	Nome	1º bimestre	2º bimestre	3º bimestre	4º bimestre
1					
2					
3					
4					
5					

LEGENDA:	
	HIPÓTESE PRÉ- SILÁBICA
	HIPÓTESE SILÁBICA SEM VALOR
	HIPÓTESE SILÁBICA COM VALOR
	HIPÓTESE SILÁBICA-ALFABÉTICA
	HIPÓTESE ALFABÉTICA

Mapa de Sondagem: sugestão de planilha para acompanhamento

Se você ainda tem dúvidas sobre a realização da Sondagem, separamos alguns materiais para saber mais, clique no ícone ou use o QRCode:

- Documento Orientador de Sondagens
- Percursos da Formação da Cidade que trataram da Sondagem



Ambiente Alfabetizador

Um ambiente em que se possa aprender, que não proíba aprender, deve ter livros, deve deixar circular a informação sobre a língua escrita, mas é evidente que o ambiente por si mesmo não é o que alfabetiza. (Emília Ferreiro⁴)

Para que as crianças aprendam a ler lendo, e a escrever escrevendo, é fundamental criar um ambiente alfabetizador. Para tanto, é indispensável contar com muitos portadores de textos de diferentes tipos, isto é, suportes materiais que apresentam escritas e que têm nome e função.

Na construção desse ambiente, é essencial a presença do alfabeto a uma altura que todas as crianças possam consultá-lo, a lista de nomes dos estudantes, textos que já conheçam de memória ou que serão trabalhados

Para saber mais sobre a organização do Ambiente Alfabetizador, clique no ícone ou use o QRCode:



³ Disponível em <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1gTcmFACyS4MwI0gtF-O27iRIsUmtaGV-/edit?usp=sharing&oid=112489420181098146084&rtpof=true&sd=true>

⁴ FERREIRO, 2001, p. 148

nesses dois meses, listas de palavras para consulta, livros de qualidade e, não podemos esquecer, textos produzidos pelo próprios estudantes.

O professor como mediador precisa favorecer a interação dos estudantes com esses materiais. Uma sala cheia de recursos, mas que não sejam consultados pelas crianças, não tem serventia. Ou seja, seu papel enquanto professor é fundamental para impulsionar as crianças à leitura.

A seguir, alguns exemplos exitosos de ambientes alfabetizadores. As fotos compõem o acervo da atividades entregues por professores da Rede como atividades na Formação da Cidade:



Agrupamentos produtivos

Uma forma de potencializar as intervenções pelo professor é o agrupamento dos estudantes em duplas produtivas. Pautando-se na concepção de que as crianças aprendem pela interação, favorece que o professor realize intervenções com um número maior de estudantes, já que na intervenção na dupla, atende dois estudantes de uma vez. A seguir, temos um trecho material **Projeto Intensivo no Ciclo I⁵** que traz sugestões para essa ação:

Realização das atividades em dupla

A maioria das propostas de atividades está orientada para ser realizada em duplas, isso porque para os alunos ainda em processo de alfabetização essa forma de agrupamento é a mais adequada para incentivá-los a ler e escrever, mesmo quando ainda não sabem. “É na interação que os alunos aprendem. Portanto, planejar situações didáticas em que os alunos estejam agrupados criteriosamente e possam trocar pontos de vista, negociar e chegar a um acordo é imprescindível no cotidiano da sala de

⁵ SME / DOT, 2011, p.11-12

aula.” A formação das duplas para a realização de atividades de leitura de listas ou textos que os alunos conhecem de memória, com o objetivo de que eles se apropriem do sistema de escrita, geralmente segue um critério básico de organização:

- Alunos com hipótese de escrita pré-silábica e silábica sem valor sonoro devem se juntar com alunos com hipótese de escrita silábica com valor sonoro, porque estes últimos já conseguem estabelecer relação entre o oral e o escrito e também já utilizam letras que correspondem às usadas nas partes escritas;
- A atividade de leitura de listas ou textos que conhecem de memória para alunos com hipótese de escrita alfabética não coloca desafios cognitivos para eles. É necessário planejar uma variação da atividade que a reverta para a reflexão sobre questões ortográficas.
- Alunos com hipótese de escrita silábico-alfabética devem fazer duplas com outros com a mesma hipótese de escrita ou se unir a alunos com hipótese de escrita alfabética para realizar uma variação como a exemplificada acima.
- Já a formação das duplas para a realização de atividades de escrita de listas ou textos que conhecem de memória, com o objetivo de que os alunos se apropriem do sistema de escrita, pode ser organizada a partir de diferentes agrupamentos.
- Quando considerar necessário, proponha variações nos agrupamentos, sempre levando em conta os conhecimentos dos alunos. Não é recomendado organizar duplas que tenham conhecimentos muito distintos. Por exemplo, agrupar alunos com hipótese de escrita alfabética com alunos com hipótese de escrita pré-silábica ou silábica. Porém, se o objetivo da atividade for a aprendizagem da linguagem que se escreve, o agrupamento acima já se torna adequado. Por exemplo, numa proposta de reescrita de um conto conhecido, é coerente agrupar um aluno com hipótese de escrita pré-silábica para ditar o texto a outro com hipótese de escrita alfabética para grafá-lo, pois nessa situação ambos conseguem aprender como se organiza a linguagem que se usa para escrever, isto é, como se organiza o discurso escrito.

Organizar a sala em duplas, formadas por crianças com hipóteses próximas, mas que podem oferecer informações novas a seus pares, é um procedimento muito rico por favorecer o intercâmbio de saberes e apoiar o planejamento de ações mais ajustadas àquilo que os estudantes já sabem, por meio de atividades desafiadoras que os ajudem a avançar.

É importante lembrar que quando sugerimos a realização de planejamentos ajustados, não estamos falando de individualizar todas as atividades, mas ajustar desafios para dois ou três agrupamentos, pelo menos, garantindo maiores possibilidades de reflexão.

Rotina

Considerar todas as discussões e pontos de atenção levantados até aqui é essencial para que todas as crianças compreendam tanto a natureza do sistema de escrita alfabético, quanto o funcionamento da linguagem verbal, em práticas sociais, e é a ROTINA o instrumento que materializa as escolhas didáticas para o alcance dessas expectativas.

“A rotina é um instrumento que organiza e distribui no tempo e no espaço as ações didáticas que foram planejadas, sendo o instrumento básico para que o grupo estabeleça vínculos e se organize para cumprir suas tarefas assumindo suas responsabilidades. Ela não é o planejamento das

atividades em si, mas traduz e organiza a intencionalidade das propostas. Há, portanto, uma relação de interdependência entre ambos, estando intimamente interligados.”⁶

De acordo com o Currículo da Cidade, é a rotina que revela a intencionalidade docente. Ela precisa equilibrar as situações didáticas pensadas a partir dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que os estudantes precisam alcançar, articulados nas modalidades organizativas mais adequadas aos propósitos didáticos. O documento Orientações Didáticas de Língua Portuguesa traz algumas ações importantes⁷:

- *Leitura em voz alta pelo professor de textos de diferentes gêneros, sobretudo, da esfera literária.*
- *Situações didáticas de leitura e de escrita para estudantes que estão no processo de aquisição do sistema de escrita. Por exemplo, atividades envolvendo seus nomes; escrita e leitura de listas; de textos que sabem de memória etc.*
- *Leitura pelos estudantes de textos de diferentes gêneros, de acordo com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.*
- *Situações didáticas de produção de textos por meio da reescrita ou pela produção de autoria.*
- *Situação didática de produção de textos em linguagem oral, de acordo com a situação comunicativa.*
- *Situações didáticas para reflexão linguística (ortografia, segmentação, pontuação etc.).*

Lembre-se: leia todos os dias em voz alta para sua turma. A leitura diária é inegociável. Leia o texto com antecedência, prepare momentos de parada, planeje boas perguntas para favorecer aos meninos que utilizem estratégias de antecipação e verificação.

E abuse das diferentes modalidades de leitura! Prepare ao menos uma leitura compartilhada por semana. A leitura compartilhada é aquela que todos os estudantes têm acesso ao texto escrito e você, professor, lê em voz alta tematizando o processo de leitura com os estudantes.

E não se esqueça, na rotina é importante considerar todos os componentes!

Mas agora, nesse fim de ano letivo, daremos força total às ações de alfabetização. Para isso, encaminhamos aqui um exemplo de rotina. Use-a para se inspirar e adapte-a conforme as necessidades de seus estudantes. As atividades contêm links para sugestões de atividades, que serão atualizados periodicamente. Dentro dos links, sugerimos, também, adequações nas atividades considerando diferentes saberes dos estudantes.

Bom trabalho professores e professoras da Rede Municipal de Educação e que possamos continuar modificando as trajetórias dos estudantes de nossas escolas!

⁶ SME/COPED, 2019, p.10

⁷ *Idem*, p.11

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
<u>Leitura pelo professor</u>	<u>Leitura pelo professor</u>	Leitura compartilhada de uma notícia	<u>Leitura pelo professor</u>	<u>Leitura pelo professor</u>
<u>Atividade de escrita pelo estudante com foco na reflexão sobre o SEA</u>	<u>Atividade de leitura pelo estudante</u>	<u>Atividade de Escrita pelo professor</u>	<u>Matemática</u>	<u>Atividade de escrita pelo estudante com foco na reflexão sobre o SEA</u>
<u>Atividade de leitura pelo estudante</u>	<u>Atividade de escrita pelo estudante com foco na reflexão sobre o SEA</u>	<u>Atividade de escrita pelo estudante com foco na reflexão sobre o SEA</u>	<u>Atividade de leitura pelo estudante</u>	<u>Matemática</u>
Leitura compartilhada de um artigo de divulgação científica	<u>Atividade de Escrita pelo professor</u>	<u>Atividade de leitura pelo estudante</u>	<u>Atividade de escrita pelo estudante com foco na reflexão sobre o SEA</u>	<u>Atividade de Escrita pelo professor</u>
<u>Atividade de Escrita pelo professor</u>	<u>Matemática</u>	<u>Matemática</u>	<u>Atividade de Escrita pelo professor</u>	<u>Atividade de leitura pelo estudante</u>

Obs: Considerar, também, os demais componentes curriculares. E lembre-se, equilibre as atividades conforme as necessidades e possibilidades de sua turma. Troque as ordens, crie sua rotina como for mais adequado.

Referências Bibliográficas

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Projeto intensivo do Ciclo I – São Paulo : SME / DOT, 2011

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Orientações didáticas do Currículo da Cidade: Língua Portuguesa – vol. I. São Paulo: SME / COPED, 2018.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Documento orientador de sondagens no Ciclo de Alfabetização – São Paulo : SME / COPED, 2022.

BRÄKLING, K. L. ET all, O que fazer na sala de aula para possibilitar o aprimoramento da competência leitora do aluno?, In Língua portuguesa: orientações para o professor. Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1985

FERREIRO, Emília. Cultura Escrita e Educação. Ernani Rosa – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.